

## POR QUE A PRESSA? REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO EM TEMPOS VELOZES DE TECNOLOGIA

WHY THE HURRY? REFLECTIONS ON EDUCATION IN FAST TIMES OF TECHNOLOGY

¿POR QUÉ LA PRISA? REFLEXIONES SOBRE LA EDUCACIÓN EN TIEMPOS RÁPIDOS DE LA TECNOLOGÍA

Rogério Melo de Sena Costa<sup>1</sup>

**RESUMO:** Você tem a sensação de que o tempo está voando? Parece lhe faltar tempo em suas atividades cotidianas? Por favor, pense sobre isso antes de prosseguir a leitura. Acredito que sua resposta a essas questões tenha sido afirmativa... Por isso, sinta-se convidado a participar das reflexões que serão levantadas ao longo do ensaio, que objetiva discutir o ritmo de vida acelerado associado ao avanço tecnológico, com especial atenção à influência que exerce no âmbito educativo. Problematizando a relação dos sujeitos com o tempo, que envolve aspectos tecnológicos, sociais, espaciais etc., incluindo a demanda por velocidade e a ideia de ubiquidade, aponta-se a necessidade de, entre outras ações, fomentar uma educação que desenvolva pessoas reflexivas e críticas à ilusória zona de conforto tecnológica-desumanizante.

**Palavras-chave:** Educação. Tecnologia. Tempo. Velocidade. Desenvolvimento Humano.

**ABSTRACT:** Do you have the feeling that time is flying by? Do you seem to lack time in your daily activities? Please think about this before reading further. I believe that your answer to these questions was affirmative... Therefore, feel invited to participate in the reflections that will be raised throughout the essay, which aims to discuss the accelerated pace of life associated with technological advancement, with special attention to the influence which he carries out in the educational field. Problematizing the relationship between subjects and time, which involves technological, social, spatial aspects, etc., including the demand for speed and the idea of ubiquity, it highlights the need to, among other actions, promote an education that develops reflective and criticism of the illusory technological-dehumanizing comfort zone.

**Keywords:** Education. Technology. Time. Speed. Human Development.

**RESUMEN:** ¿Tienes la sensación de que el tiempo pasa volando? ¿Parece que le falta tiempo en sus actividades diarias? Piense en esto antes de seguir leyendo. Creo que su respuesta a estas preguntas fue afirmativa... Por ello, siéntase invitado a participar en las reflexiones que se plantearán a lo largo del ensayo, que tiene como objetivo discutir el ritmo acelerado de vida asociado al avance tecnológico, con especial atención a la influencia que desempeña en el ámbito educativo. Problematizando la relación entre los sujetos y el tiempo, que involucra aspectos tecnológicos, sociales, espaciales, etc., incluyendo la exigencia de velocidad y la idea de ubicuidad, destaca la necesidad de, entre otras acciones, promover una educación que desarrolle reflexiva y crítica a la ilusoria zona de confort tecnológico-deshumanizante.

**Palabras clave:** Educación. Tecnología. Tiempo. Velocidad. Desarrollo Humano.

<sup>1</sup> Doutorando em Educação - UNESP - Marília - SP.

## (RÁPIDA) INTRODUÇÃO

Pretende-se contextualizar a atual relação do ser humano com o tempo, marcada pela permanente sensação de falta deste, associado ao uso das tecnologias, com especial atenção à influência que exerce no âmbito educativo. O desenvolvimento do ensaio está estruturado em três seções, a partir das seguintes questões norteadoras: qual a influência das tecnologias em nosso tempo? Quais as implicações dessa influência no âmbito educativo? Quais as perspectivas de atuação pedagógica diante do contexto de vida em velocidade? A primeira seção se refere a uma noção de tempo, para além de seu aspecto cronológico; a segunda, trata das relações entre tecnologia, velocidade e ubiquidade na vida contemporânea; já a terceira expõe ideias a respeito dos efeitos da vida acelerada na educação e possibilidades de atuação com caráter libertário. Em seguida apresentam-se as considerações finais, onde se resgata a importância de priorizar o desenvolvimento humano diante do cenário tecnológico e do poder hegemônico vigentes.

Este ensaio se fundamenta no movimento Ciência, Tecnologia e Sociedade na educação (LINSINGEN, 2007), acima de tudo uma postura que rompe com o modelo linear de progresso (científico, tecnológico, econômico, social) e almeja uma cidadania responsável para lidar com problemas relativos à ciência e tecnologia, bem como promover uma transformação social que minimize condições/estruturas desumanizantes.

## TEMPORALIDADES HUMANAS

Em nossa rotina diária geralmente não nos ocupamos de conceituar o tempo, nem de saber sua origem. Parece-nos que ele simplesmente existe e determina o fluxo passado-presente-futuro. Tentamos controlá-lo, mas ele teima em nos escapar com sua fluidez. Contraditoriamente, há momentos em que passa demasiado devagar, geralmente no desconforto de uma infundável espera. Aliás, Einstein disse mesmo que o tempo é relativo.

Uma noção que temos a respeito do tempo está essencialmente ligada ao ritmo. Desde seus primórdios, a humanidade é regida pela cadência ininterrupta dos dias e noites, polaridade luz-treva inerente à dinâmica astronômica da Terra ao redor do Sol. Ritmo igualmente observado nas diferentes configurações da Lua, marcando fases, e na posição das constelações na abóbada celeste ao longo das estações, que tanto influenciou os povos da antiguidade em atividades ligadas à agricultura, como os egípcios às margens do rio Nilo, e permitiu ao homem fazer previsões temporais e se orientar espacialmente. Ritmo que está no ambiente, mas também acontece dentro do corpo, por exemplo, no dormir-despertar do ciclo circadiano e no pulsar

inconsciente do sistema cardiorrespiratório. De forma a expressar a natureza rítmica própria do universo e de nós mesmos, criamos calendários e relógios (gnômon, clepsidra, ampulheta, mecânico, de quartzo, atômico) para mensurar o tempo, de maneira cada vez mais precisa, o que gerou novos hábitos e modificações sociais.

A invenção do relógio mecânico ocorreu nos mosteiros beneditinos dos séculos XII e XIII, foi impulsionada pela necessidade de regularidade nas rotinas monásticas. Originalmente destinado a fornecer precisão para os rituais de devoção diários por meio do toque dos sinos dos mosteiros, o relógio mecânico acabou sendo a tecnologia utilizada para sincronizar e controlar as atividades humanas. Embora os monges não antecipassem essa evolução, o relógio acabou por estender sua influência para além das paredes do mosteiro, introduzindo uma nova regularidade na vida cotidiana dos trabalhadores e comerciantes por volta do século XIV (POSTMAN, 1994).

O relógio mecânico, além de simplesmente marcar as horas, ganha outros sentidos, altera as condições de vida e, depois, quando visto como uma joia, torna-se fetiche (na concepção marxista), discriminando quem pode ou não o ostentar. O relógio também entra em cena no palco da estruturação filosófica mecanicista, quando Descartes (apud CAPRA, 1997, p. 57) declara: “Considero o corpo humano uma máquina. (...) Meu pensamento (...) compara um homem doente e um relógio mal fabricado com a ideia de um homem saudável e um relógio bem-feito”. Assim, a invenção de um artefato tecnológico pelo homem, como o relógio, acarreta uma espécie de uso polivalente do mesmo que não fica restrito apenas ao seu aspecto funcional específico original, mas se amplia inclusive para o campo simbólico.

Sujeitos que interagem no/com tempo e produzem tecnologias... A história da humanidade nos revela que a vida e afazeres cotidianos estão diretamente relacionados à organização da sociedade e produção cultural, próprios de um determinado tempo-espço. De acordo com Sevalho (1996), “costumes, ritos, tradições imbricam-se no tempo com o trabalho, o lazer e o exercício da sobrevivência de tal modo a conformar diferentes tempos sociais”. O tempo social remete inegavelmente à influência do capitalismo e da revolução industrial, que exigiram eficiência (taylorista) na produção dos bens de consumo, obtida, entre outros fatores, através da velocidade. O tempo deixa de ter o caráter bucólico na vida social e econômica, antes pautada em suprir as necessidades básicas do indivíduo através do plantio-colheita, pesca, criação doméstica de animais, tecelagem, troca etc., e passa a ganhar outro status na dinâmica de produção e consumo exacerbados, bem como na ávida corrida pelo lucro. Nas palavras de Benjamin Franklin, o estadunidense inventor do para-raios: “tempo é dinheiro”. As imagens de Chaplin no clássico filme “Tempos Modernos” (1936) traduzem com genialidade o processo de

produção no qual o homem se agrega à máquina, com movimentos repetitivos e rápidos passa a ser parte da engrenagem industrial-capitalista, perdendo algo de sua essência humana, alienando-se.

Segundo Virilio (1993), o tempo é vivido - psicológica, socialmente ou politicamente - pelo fato de ser interrompido. O tempo do cotidiano não é o contínuo da história/cronologia, mas aquele em que a atividade ou produtividade é interrompida para estruturar o tempo dos indivíduos e dos grupos sociais. Nesse sentido, o dia delimitaria as diferenças de temporalidade, mais do que um limite físico urbano/arquitetônico ou fronteira política. A tecnologia teria um papel análogo ao criar interrupções de variadas maneiras; ao dia solar teriam sucedido o dia químico (luz de velas), dia elétrico e o dia eletrônico, prolongando a percepção da jornada e da visibilidade, pela extensão de um continuum (audiovisual e teletopológico) que apaga as distâncias geográficas. Nessa perspectiva, regimes de temporalidade são originados pelas tecnologias avançadas, onde as transformações provocadas pelo efeito de aceleração contribuem para a distorção de antigos referenciais, como os padrões físicos.

Nesse sentido, prossegue uma discussão sobre a relação do ser humano com as novas tecnologias e o tempo na atualidade, o tempo do capitalismo globalizado e da sociedade da informação/conhecimento, quando se estabelecem muitas tarefas a cumprir em curto prazo de tempo.

## O TEMPO CONTEMPORÂNEO

O final do século XX e o corrente século XXI se caracterizam pela globalização, trânsito nas grandes cidades, redes de fast food, commodities, grandes corporações, internet, mídia, satélites, câmeras de segurança, inteligência artificial etc. Estamos rodeados de aparelhos multifuncionais que são aperfeiçoados a todo o momento, capazes de armazenar mais e mais informação. Bem sabemos a mudança nos hábitos e relacionamentos pessoais, principalmente nos últimos anos, pela companhia e uso constantes do computador, smartphone, smartwatch, entre outros. A tecnologia avança vorazmente e se autopromove, reduzindo os tempos inerentes ao uso dos artefatos. Tecnologia que produz mais tecnologia, num círculo vicioso; ela demanda velocidade, a qual empurra o desenvolvimento de novas tecnologias sempre mais rápidas.

De Masi (2000), comenta sobre o discurso socialmente difundido de que a tecnologia traz liberdade e conforto, sobre a rotina de trabalho constante e o paradigma de produzir e consumir em excesso. Na esfera do capitalismo globalizado, aponta o tempo como um luxo de vida, já que se tornou raro, pelo número enorme de pessoas com a impressão de nunca ter tempo.

As pessoas são influenciadas/manipuladas pela mídia, têm acesso a uma alimentação de má qualidade (artificializada, industrializada, carregada de agrotóxicos, transgenia, hormônios e antibióticos). Muitas delas são desprovidas de boas condições de moradia, saúde e saneamento básico, não têm acesso à educação, trabalham por centavos para empresas multinacionais. Provavelmente, o poder hegemônico se favorece dessa desigualdade socioeconômica com medidas bastante estratégicas, pois o envolvente discurso tecnológico permanece como um absurdo velado.

Fomos treinados a não nos sensibilizar com os danos ambientais e sociais gerados pela tecnologia. Somos impelidos a comprar e comprar os badulaques tecnológicos que prometem facilitar a vida, hipnotizados por tanta poluição visual publicitária, mas continuamos com uma sensação de que não conseguimos fazer tudo o que queremos.

A noção de que falta de tempo nos acelera e nos impele a tirar máximo proveito da jornada diária. Para tanto, recorremos a atitudes insalubres (comemos apressadamente, dormimos poucas horas por dia, estamos preocupados mentalmente com diversos assuntos simultaneamente etc.) que acabam por se somatizar no corpo. Lidamos frequentemente com os dispositivos móveis e nos acostumamos com rápidas respostas aos comandos que executamos, tanto que ficamos impacientes ao esperar dois segundos (ou até menos) para baixar um determinado arquivo. Este é um exemplo de como nossa condição física ou mental pode se alterar facilmente, propensa à pressa, ansiedade e estresse, em função da vida cotidiana em velocidade.

Ainda no que se refere à saúde, Sevalho (1996), em seu artigo sobre velocidade/aceleração temporal e infecções emergentes, afirma que evidências indicam a necessidade de a epidemiologia reconsiderar suas concepções de tempo, para melhor compreender uma realidade complexa e em constante mudança, onde fatores históricos, culturais, econômicos, políticos, sociais e biológicos se concatenam e provocam o adoecimento das populações humanas.

Outro viés que aponta modificações psicológicas na relação do ser humano com o tempo na contemporaneidade se baseia na noção de tempo não-linear, no qual se evidencia a experimentação exclusiva do presente, como reflexo da própria organização social, econômica e política vigente. Montes e Herzog (2005), ao discutir a relação do sujeito com o tempo, do ponto de vista da psicanálise, analisam que o sujeito apresenta uma perda da certeza de si, a qual comporta a condensação do fluxo do tempo, efeito de uma descrença em si mesmo e de sua estadia em um tempo presentificado. Para as autoras, a questão do tempo sem historicidade se refere a uma transformação no contexto cultural moderno que acarreta consequências para a

própria constituição da subjetividade. O mundo atual, mundo do curto prazo, da velocidade da informação e do capitalismo flexível, não reconheceria o valor da narrativa de uma história, permitindo ao sujeito representar-se para o outro e para si mesmo; este teria um discurso imagético, na busca de algo que lhe possibilitaria a sensação de permanência no tempo. No contexto dinâmico/veloz da sociedade de consumo, de uma realidade temporalmente fragmentada em imagens desconexas entre si, (que não se configura como uma narrativa contínua com passado, presente e futuro), a vivência do presente como único tempo possível, visa proteger o indivíduo de erros e incertezas, mas gera angústia e depressão, atrelada à sensação de incapacidade de acompanhar o ritmo, além de impossibilitar a visão de um futuro diferente do agora.

Em consonância, Virilio (1993) comenta sobre o tempo das longas durações históricas e o tempo de uma duração técnica, “sem comparação a qualquer calendário de atividades ou memória coletiva (à exceção da memória dos computadores), duração que contribui para a instauração de um presente permanente cuja intensidade sem futuro destrói os ritmos de uma sociedade cada vez mais aviltada” (p. 11).

O ágil tempo da globalização, associado a uma escala planetária, convive com os tempos lentos das sociedades tradicionais regionais/locais, subordinando-os à aceleração dominante. Parece haver uma correlação do modelo tecnológico e do grau de urbanização com o tempo social vivido; tecnologias de ponta e metrópoles/conurbações remetem a maior velocidade e dinamismo. Seguindo essa lógica, cabe citar um exemplo literário a partir da poesia intitulada “Cidadezinha qualquer”, em que Andrade (2013) se refere a um local de povoamento pequeno, marcado pela naturalidade e simplicidade da vida interiorana/campestre, e sugere uma reflexão sobre a inexistência de tempo limitado naquele lugar, onde todos seguem vagarosos e despreocupados. Sevalho (1996) compreende que as fronteiras dos espaços e tempos locais são perpassadas pelo capitalismo transnacionalizado, sendo que o tempo veloz desse capitalismo mundializado incorpora os tempos sociais e os utiliza ou modifica segundo seus próprios interesses.

No âmbito da conformação urbana decorrente do avanço tecnológico, Virilio (1993) explicita que as rápidas transferências e transmissões das pessoas, que, real e virtualmente, reconfiguram numericamente os locais, estariam desintegrando a concepção da cidade histórica, da urbanização tradicional: “ubiquidade, instantaneidade, o povoamento do tempo suplanta o povoamento do espaço” (p. 95). A geopolítica das nações que supunha a hierarquia do centro sobre a periferia ou do vértice sobre a base teria perdido seu valor para dar lugar a uma

configuração estrutural inaparente, superando a forma urbana industrial. A telelocalização promoveria uma excentricidade generalizada, sinal do declínio da sedentariedade metropolitana em prol de um confinamento interativo obrigatório. O autor aponta o aparecimento de uma cidade-mundo totalmente dependente das telecomunicações e nos danos causados pelo progresso no domínio da relatividade, “de uma nova relação com os lugares e as distâncias de tempo criada pela revolução das transmissões com o uso recente da velocidade absoluta das ondas eletromagnéticas” (VIRÍLIO, 1993, p. 117). Ele ainda levanta um questionamento quando comenta a respeito da tecnologia que favorece um desdobramento na personalidade do tempo; o tempo real das atividades imediatas teria perdido seu sentido de “aqui”, de lugar de encontro com o outro, uma vez que haveria uma fusão/confusão instantânea de uma realidade que se tornou ubiqüitária: o tempo da presença aqui e agora e o tempo da telepresença à distância. O autor ainda indica um novo caminho de pesquisa, o da poluição ecológica, não somente das substâncias atmosféricas ou hidrosféricas, por exemplo, mas inclusive a despercebida poluição dromosférica das distâncias de tempo, ou seja, a corrida que reduz a quase nada a extensão do planeta e contamina seu espaço-tempo. Defende que a corrida é sempre eliminatória, para os concorrentes envolvidos na competição e para o ambiente que sustenta seus esforços. Inventam-se lugares para o exercício da máxima velocidade: estádio, hipódromo, autódromo; o espaço é transformado e ganha a geometria dos circuitos fechados, encerrando-se definitivamente a um mundo orbital, seja para os satélites, seja para/pelos meios de comunicação.

Em que medida controlamos nosso tempo e em que medida somos controlados por “ele”? A sensação de falta de tempo que assola as pessoas na atualidade se relaciona diretamente à rotina de vida acelerada, imposta por uma avalanche tecnológica. Exige-se delas uma jornada alucinante de trabalho para mover a máquina lucrativa das grandes corporações. A ideia é realmente suprimir o tempo do ser humano, para que ele não possa refletir, nem convier face a face com um humano próximo, nem participar efetivamente de seu ambiente cultural. Aliás, a inteligência artificial incorporada em dispositivos móveis vem assumindo cada vez mais o papel de um ente com que se relaciona, mas que acaba por reforçar o egocentrismo, uma vez que trabalha em prol do mercado de consumo e de uma cultura da vaidade (LA TAILLE, 2009); isso não oportuniza a resolução de conflitos entre humanos, algo que efetivamente promove o desenvolvimento moral/ético em prol do bem comum (BATAGLIA, et al., 2010). Cabe ao tecnocrata simplesmente articular o indivíduo ordinário como uma marionete, que não pensa, não expressa seus sentimentos e não age por si só. Somos condicionados a permanecer entretidos com o falso progresso, mimados por efeitos ilusórios de bugigangas eletrônicas/digitais que

compramos, com amigos/amantes virtuais, crentes de ter alcançado o mundo inteiro mesmo estando confinados na baía da tela do smartphone, correndo em círculos para ver quem chega primeiro a lugar nenhum.

Com esperanças de promover ideais libertários ao sistema posto, precisamos repensar a (responsabilidade da) educação dentro desse panorama/tempo contemporâneo.

## REFLEXOS DOS COMPORTAMENTOS ACELERADOS NA EDUCAÇÃO E PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO PEDAGÓGICA

As novas tecnologias exercem uma enorme influência na relação dos sujeitos com o tempo, que se redefine e, para além de sua mera versão cronológica linear, condensa o fluxo passado-presente-futuro na vivência do agora. As pessoas tornam-se onipresentes no ciberespaço e interagem virtualmente, sem contar os avatares, assistentes virtuais, entre outros. Essa influência repercute na dinâmica da sociedade e nos ambientes educacionais. Crianças e jovens têm fácil acesso aos aparatos tecnológicos atuais (notebook, tablet, smartphone, smartwatch etc.) e suas respectivas funções de áudio e vídeo, permitindo-os enviar e receber mensagens instantâneas, tirar fotos, ouvir uma infinidade de músicas, gravar e assistir imagens. Uma gigantesca apelação aos sentidos da audição e da visão, com o sistema nervoso processando rapidamente todas essas informações, de forma análoga às máquinas com as quais convivem. As redes sociais e os jogos online estabeleceram uma nova comunicação, que não acontece mais pelo contato pessoal face a face, mas despertam interesse a tal ponto de um sujeito - criança, jovem ou adulto - permanecer horas e horas diante das telas. Aliás, o envolvimento virtual e indireto possibilita um certo mistério, indiferença e superficialidade na relação com o outro. Determina-se uma linguagem própria e ágil, exigência da interconectividade, os textos eletrônicos são cheios de símbolos e abreviações, em sintonia com a artificialidade e brevidade inerentes a essa nova comunicação e à configuração social contemporânea.

O cenário educacional não fica isento, as crianças e jovens têm intimidade com essa cultura digital e a reproduz, não necessariamente como parte dos processos de ensino e aprendizagem. Os aparelhos são levados para a escola, eles tocam, acendem, sinalizam; enfim, estão presentes. E os alunos os possuem basicamente para interagir, nas redes sociais, jogando e consumindo. As grandes empresas produzem e faturam alto com diversos modelos de aparelhos digitais, fetiches tecnológicos carregados de design e publicidade. O ciclo de utilidade desses aparatos é bastante curto, geralmente o período necessário para que um novo modelo esteja no mercado/moda.

A questão do tempo e da rotina acelerada, aliada aos ideais de produtividade e alta performance, típicos do capitalismo globalizado no qual vivemos, também se expressam na esfera educacional. O Brasil conta com um sistema de educação que, em sua grande parte, se prende aos números e estatísticas. O Estado quer evidenciar o acesso de um elevado número de pessoas a escolas e universidades a instituições internacionais como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial; o material pedagógico de apoio (livros e apostilas) é marcado pela enorme quantidade de conteúdos e informação; no exame nacional do ensino médio (ENEM) e nos exames vestibulares o jovem se depara com provas que contém um exorbitante número de questões a serem resolvidas. Esses são aspectos da opção conteudista de educação, que vigora na maioria das escolas públicas e privadas.

A grande problemática desse foco no aspecto quantitativo se baseia no fato de que há limite real de tempo para cumprir um enorme rol de habilidades e competências. Os estudantes são concebidos como grandes cabeças ambulantes que armazenam informações, remetendo à educação bancária (na noção freireana). Há uma supervalorização da aquisição precoce de habilidades estritamente cognitivas, principalmente no sentido mnemônico, como se o aluno fosse desprovido de sentimentos e força de vontade para atuar e transformar o mundo criticamente; suas capacidades artísticas e criativas são simplesmente castradas.

O modelo de linha de montagem parece se aplicar ao sistema educativo, no qual se objetiva ganho de tempo na “produção” em série de muitos alunos para o trabalho e a competitividade, em detrimento a um ensino de boa qualidade e com profundidade de tratamento aos temas essencialmente relevantes para a formação de um indivíduo autônomo e consciente de suas responsabilidades sociais.

Pais ficam reféns das jornadas de muitas horas de trabalho e acabam por não acompanhar com merecida atenção a educação de seus filhos. Esse é mais um reflexo do cotidiano em velocidade, que ocupa o tempo e a dedicação das pessoas em função do trabalho, consumo e acúmulo de bens, com implicações diretas ao âmbito da escola. Os professores, profissionais dos mais exigidos em termos de dedicação e tempo diário de trabalho, por sua vez, precisam lidar com uma difícil realidade explicitada pelo comportamento alterado dos alunos, cada vez mais impacientes e dispersos.

Definitivamente as salas de aula passam por um processo constante de adaptação diante das novas tecnologias. Recursos como o aparelho multimídia e softwares educativos com animações e simulações estão à disposição dos professores, que muitas vezes precisam buscar formação especializada em informática, até mesmo para conseguir compreender esse universo

digital que é tão próximo dos alunos das gerações mais recentes. Os estudantes estão constantemente antenados na internet, se comunicam e fazem suas pesquisas. O acesso a uma gigantesca quantidade de informação está facilitado, o que não significa real aprendizado na mesma proporção. Pais, professores e alunos, cada qual com a necessidade/exigência de interagir com as novas tecnologias, que alteram/aceleram os comportamentos dos sujeitos envolvidos no processo pedagógico e exigem reorganização frequente dos tempos e espaços educativos.

A geração de nativos digitais desenvolveu uma nova estrutura de pensamento por conta de sua interação naturalizada com as tecnologias digitais, o que aponta para a necessidade de compreender como se dá o processo de aprendizagem nesse novo contexto. O mundo não se restringe mais ao concreto e às abstrações humanas, pois o virtual não é menos real (KADOOKA e LEPRE, 2018). Nesse sentido, para que o educando aprenda, é preciso promover novas formas de estudar e considerar aspectos neuropsicológicos da aprendizagem. Seja por causa da reformulação do ensino diante da evolução tecnológica digital, seja por força da pandemia do covid-19, o ensino remoto e o estudo via plataformas digitais tem aumentado consideravelmente, modificando padrões nas relações didáticas (professor-aluno, aluno-aluno, professor-conhecimento, aluno-conhecimento) e nos processos didáticos (planejamento de ensino, currículo e avaliação). Este é um momento bastante oportuno para aprofundar o entendimento sobre a intersecção entre as seguintes áreas: tecnologia, educação e psicologia da educação. Vale destacar que a tecnologia não pode ser analisada isoladamente, pois há uma inter-relação entre ciência, tecnologia e sociedade, na qual: a ciência é entendida como atividade social, atrelada a aspectos ideológicos e políticos; a tecnologia não é entendida apenas como aplicação da ciência, nem como artefato, abarca a noção sociotécnica; e a sociedade é entendida como um grupo contextualizado histórica, espacial e culturalmente, mas que também é globalizado (LINSINGEN, 2007).

Moreira e Kramer (2007) expressam o perigo de se renunciar as evidentes mudanças (pois há uma nova realidade) e o fato de que os aparatos tecnológicos formam e informam uma geração. Considerando o atual contexto de incorporação tecnológica, eles propõem questionar/pensar o modelo de sociedade que se deseja construir. Os autores formulam uma questão bastante pertinente e que sintetiza sua visão crítica: “é possível formar pessoas na perspectiva de construir solidariedade, autonomia e respeito mútuo em sociedades onde inveja, talento e velocidade de produção industrial são a meta?”.

Silveira, et al. (2006), destacam que não podemos ignorar o impacto da tecnologia em nossas vidas e que devemos nos perguntar para quem são feitas essas tecnologias, qual é a

responsabilidade social daqueles que desenvolvem inovações tecnológicas e se estão sendo levados em conta os padrões éticos e sociais, ressaltando a importância de se refletir sobre o papel da tecnologia e reconhecer que ela não é imparcial, podendo ser usada tanto para o bem quanto para o mal no mundo que desejamos construir.

Nesse sentido, podemos e devemos traçar algumas perspectivas de atuação pedagógica diante do atual contexto de vida em velocidade: o restabelecimento da noção de passado-presente-futuro, necessária à integridade psicológica do ser humano, preservando uma relação paritária e parcimoniosa entre prazer e dever; o respeito pela integralidade dos sujeitos, em suas dimensões (física, mental, emocional, cultural, social etc.); a opção por uma abordagem mais qualitativa, na qual os conceitos ganham significado para a vida do estudante; processos de ensino que contemplem a construção do conhecimento e não a transmissão mecânica de informação, com o intuito de instrumentalizar a população a legitimar seus direitos diante do poder dominante (corporativo, econômico, político) que está posto; e a própria problematização do conceito de tempo, para além do simplório caráter linear/cronológico.

## (VAGAROSAS) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, nos resta questionar: por que a pressa? Por que essa inquietante busca para “ganhar tempo”?

Os meios de transporte e comunicação são aperfeiçoados e mudam a relação entre os sujeitos e dos sujeitos com o tempo e o espaço, através da velocidade de deslocamento físico e imaginário. A civilização parece não ter clareza do que almeja, pulverizada no presente definitivo da nova ordem ubiqüitária. O foco exclusivo na veloz tecnologia e no lucro ofusca vislumbrar o desenvolvimento eminentemente humano.

O desenvolvimento tecnológico, o crescimento da urbanização e da expectativa de vida, o aumento vertiginoso da população mundial, o alto consumo energético e a diminuição dos recursos hídricos disponíveis compõem a moldura do futuro quadro de uma sociedade que prioritariamente precisa evoluir em termos de consciência socioambiental. Isso requer, entre outras ações, como ter um ritmo de vida mais tranquilo e frear a corrida pelo consumo, o fomento de uma educação que forme pessoas reflexivas e críticas à ilusória zona de conforto tecnológica-desumanizante.

A interação homem-máquina sobrepuja as interações face a face entre humanos e entre o ser humano e o ambiente/universo, pois o ser humano já não se sensibiliza tanto diante da beleza dos fenômenos da natureza. Os sujeitos, que se comunicam/relacionam virtualmente,

estão doentes, irritados, estressados, ansiosos, violentos. A sórdida composição de uma sociedade desigual e consumista, cronometrada pelo relógio do poder hegemônico, inviabiliza compartilhar/promover a felicidade e o prazer de viver para todos.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE CD. *Alguma poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013; 120p.

BATAGLIA PUR, et al. A teoria de Kohlberg sobre o desenvolvimento do raciocínio moral e os instrumentos de avaliação de juízo e competência moral em uso no Brasil. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 2010; 15(1): 25-32.

CAPRA F. *O ponto de mutação* [tradução Álvaro Cabral]. 18.ed. São Paulo: Cultrix, 1997; 445p.

CHAPLIN C. *Tempos Modernos (Modern Times, EUA 1936)*. Filme, 87 min, p&b.

DE MASI D. *O ócio criativo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000; 328 p.

KADOOKA A, LEPRE RM. Nativos digitais: a influência das novas tecnologias no desenvolvimento moral infanto-juvenil. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 2018; 9(2): 153-174.

LA TAILLE, Y. *Formação ética: do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre: Artmed, 2009; 315p.

LINSINGEN I. Perspectiva educacional CTS: aspectos de um campo em consolidação na América Latina. *Ciência & Ensino (UNICAMP)*, 2007; 1:01-16.

MONTES FF, HERZOG R. A relação do sujeito com o tempo na atualidade. *Pulsional rev. psicanál*, 2005; 18(184): 49-59.

MOREIRA AFB, KRAMER S. Contemporaneidade, educação e tecnologia. *Educ. Soc. Campinas*, 2007; 28(100): 1037-1057.

POSTMAN N. *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia* [tradução Reinaldo Guarany]. São Paulo: Nobel, 1994; 224p.

SEVALHO G. Velocidade/ aceleração temporal e infecções emergentes: epidemiologia e tempo social. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 1996; 3(2): 217-236.

SILVEIRA RMCF, et al. A. Desenvolvimento tecnológico ou desenvolvimento humano? *Tecnologia e Humanismo*, 2006; 20(31): 143-154.

VIRILIO P. *O espaço crítico e as perspectivas do tempo real* [tradução Paulo Roberto Pires]. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993; 160p.